

GIL VICENTE, NOTAS HISTÓRICAS E BIOGRÁFICAS

Alberto Frederico Lins

da Universidade Federal de Pernambuco

"Esta desterrada vida
Que perdiera yo en perdella
Quando al mundo fue venida?"

Gil Vicente

"Comédia do Viúvo"

O então Instituto de Estudos Portugueses da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, em 1965, iniciou, com uma série de palestras, as comemorações do V centenário do nascimento de Gil Vicente. Teve ótima repercussão. Sem querer introduzir, no entanto, na brilhante exposição daquele evento disciplinar, a nota dissonante da dúvida, permiti-me discordar, à época, de pontos para mim de capital interesse: o de que GIL VICENTE não nasceu em 1465, por exemplo, para ser prematuramente recordado.

GIL VICENTE, o fundador do teatro português, nasceu por volta de 1469 ou 1470. Disputaram-lhe as honras de berço Barcelos, Lisboa, Guimarães e a vilela da Pedreira. Ao certo, não se sabe onde e nem quando viu à luz o grande satirizador de contemporâneos. Houve até quem o confundisse com o ourives Gil Vicente, seu parente e amigo durante cinquenta anos. TEÓFILO BRAGA, impulsivamente, em estudo publicado em 1873, deu foros de veracidade a essa versão errônea de GIL VICENTE

poeta inculcando custódias, sem procurar ver se haveria outro do mesmo nome. O lugar exato e o ano do nascimento ainda hoje são motivos de dúvidas de eruditos luso-brasileiros. Num ponto, todavia, concordam todos: antes de 1469 não é possível ter nascido o vate, que, em 1536, falando melancolicamente nos seus "sessenta e seis anos", encerrava as atividades intelectuais. Descendia, e isto está averiguado, de uma família de Guimarães, os CANTOS, galêgos de origem e saídos de Portugal no reinado de D. Manuel. Vingou na terra um ramo pobre de seiva metálica, que, enxertado pelo desembargador PEDRO DA SILVA CANTO na casa dos ATAÍDES, refloriu, viçou, bracejou, dele surgindo não só o poeta como o escultor e outros Gis de menor vulto.

Quando da morte do infante D. Afonso, em 1491, foi GIL VICENTE chamado, em virtude do seu precoce saber e mestria na latinidade, a ensinar ao duque de Beja, que teria de suceder a D. Manuel. Amando a realeza, para honrá-la iniciou o poeta a sua obra esplêndida com o hoje raro conhecido MONÓLOGO DE UM VAQUEIRO, onde conclamava aos céus bonançosos dias para a rainha d. Maria e o príncipe d. João. Começava assim a projeção literária do protegido de Gil Vicente ourives, a quem o douto TEÓFILO BRAGA, em hora aziaga, transformou levemente numa só pessoa com duas profissões.

Conforme tudo mais na época em Portugal, as fontes e subsídios bibliográficos do grande autor teatral escasseiam, emaranham-se, embaralham e confundem, dificultando o pesquisador criterioso. Não se sabe positivamente, por exemplo, se terminou o curso de jurisprudência, iniciado em Lisboa. Positivado ficou que era mestre consumado na língua, escrevendo também latim e castelhano, idioma este preferido na Corte, onde pompeava o gênio de d. Manuel, um dos poucos reis lusos que tiveram educação esmerada e amaram as letras. Desta data em diante, quando cantou os dotes de d. Maria, a 8 de junho de 1502, não mais parou de produzir o genial artífice do verso, compondo peças que, de per si, imortalizariam qualquer um. Apoiando-se sempre nos príncipes e princesas, deu começo ao labor fecundo que, desde o AUTO PASTORIL CASTELHANO (1502) até o AUTO DA FLORESTA DE ENGANOS (1536), constituiu uma obra realmente notável, criadora, pioneira, de extremada originalidade. Desde que começou a escrever e representar, abandonou o retoricismo curricular, criando o teatro nacional.

Casado com BRANCA BEZERRA, houve dela três filhos — LUIZ, GIL e PAULA, esta última a predileta. Luiz morreu provendo. Era BRANCA de bom sangue lisboeta, onde possuía parentela ilustre. No NOBILIÁRIO do conde de Barcelos, encontra-se uma alusão a decadência dessa família Bezerra em tempos do falso d. Sancho II, de pálida memória, Miudezas inúteis. Morrendo-lhe a mulher, contraiu segundas núpcias com MARIA TAVARES, viuva de um GASPARE DE GOES REGO, comendador e bem de vida. Desta, houve uma filha, que se chamou VALÉRIA BORGES, a qual, entrando pelas portas do matrimônio na casa de ALMADA E MENEZES, onde já penetrara seu meio-irmão GIL, deu início a uma progénie que se foi perder, para a História, nos seus bisnetos.

Sempre protegido da casa real, embora não enobrecido, o que aponta e certifica mesquinho espírito nos seus patronos reais, o poeta descartou umas misérias imaginárias, que, a ser verdade, sê-lo-iam também no caso de CAMÕES, de quem da pobreza aspérrima só restou a lenda. Em plena glória, ironizou o não menor SÁ DE MIRANDA, que o taxou de "pasquineiro". E tinha razão SÁ DE MIRANDA no revide injusto, depois que GIL VICENTE, satiricamente, o retratara e pusera a nu na sua farça O CLÉRIGO DA BEIRA, onde chega a dizer, numa alusão pungente logo amplamente compreendida pelos maledicentes de então:

"Filho de clérigo és,
Nunca bom feito farás".

O outro espumava, sentindo as farpas na pele, mas sem a coragem de responder a crítica de quem, por justiça, era-lhes inferior em cultura e preparo. E ficou na

história literária a sátira do teatrólogo ao poeta, como marco na vida do autor do AUTO DA FESTA. Era, então, GIL VICENTE, conhecido no exterior. Em Espanha, mais do que em outra parte. Foi representado em Bruxelas aí por 1532, perante a nobreza local. A fama justificava o medo que lhe tinham alguns figurações, temerosos de serem metidos a riso na personalidade transparente de um personagem vicentino, igual ao desavisado SA DE MIRANDA. Escrevia com segurança e propriedade, superando CAMÕES e CER-VANTES pela qualidade da produção no total. É um clássico que se sente amoldar-se ao futuro, pelos penetrais dos séculos, vindo até nós juvenil e atual. Ligado ao mediavalismo pela educação, permaneceu no espaço e no tempo pelo estilo e tratamento psicológico dos tipos. Tratou de temas populares profundamente ligados à índole luso-brasileira, ficando pela fidelidade aos costumes e vícios da raça. Durante quase quarenta anos escreveu sem cessar. Para se ver até que ponto ia a fecundidade assombrosa desse escritor pouco conhecido, entre centenas de trabalhos que se perderam, como mensagens patrióticas e cartas, odes de nascimento, morte e esponsais de príncipe, iniciando-se com o celebrado MONÓLOGO DE UM VAQUEIRO, onde representou vestido a caráter junto ao leito damasquinado da recém-parida rainha Maria — ajuntou GIL VICENTE à sua bagagem verdadeiras obras primas como AUTO DA VISITAÇÃO, AUTO PASTORIL CASTELHANO, AUTOS DOS REIS MAGOS, AUTO DA SIBILA CASSANDRA, AUTO DE SAN MARTINHO, AUTO DOS QUATRO TEMPOS, AUTO DA ALMA, AUTO DA ÍNDIA, AUTO DA BARCA DO INFERNNO, AUTO DA BARCA DA GLÓRIA e AUTO DA BARCA DO PURGATÓRIO, estes três últimos fazendo parte da trilogia que recebeu, em vernáculo, o título de AUTO DA MORALIDADE, e, em castelhano, o pomposo e vão de TRAGICOMÉDIA ALEGÓRICA DEL PARAISO Y DEL INFIERNO; AUTO PASTORIL PORTUGUÊS, AUTO DA SERRA DA ESTRÊLA, AUTO DA FEIRA, AUTO DA LUSITÂNIA, AUTO DA MOFINA MENDES, AUTO DA CANANÉIA e AUTO DA FESTA.

Criações inumeráveis vincam-lhe o perfil literário. As farças CLÉRIGO DA BEIRA, dos ALMOCREVES, de INÊS PEREIRA e a COMÉDIA DE RUGENA, lançam-no como real criador da cena lusitana. E que dizer de D. DUARDOS, O TEMPLO DE APOLO, NAU DE AMORES, DIVISA DA CIDADE DE COIMBRA ou EXORTAÇÃO DA GUERRA?

Foi polimorfo e atualizado com a sociedade do seu tempo, sem perder de vista a alma lusíada na sua essência, na formação transmontana, algarvia ou minhota. O teluricismo entreliga a temática da sua obra. Une os polos. Soube apreender esse sentimento nos rescritos profanos, mas de rara densidade dramática e sutil lírico peninsular. Quer como comediógrafo, dramaturgo, poeta ou artista, o teatro de GIL VICENTE cinge-se a formas genuinamente portuguesas, teluricamente regionais, intrinsecamente ibéricas, sem que a universalização de um MOLIÉRE, por exemplo, ou de um RACINE ou mesmo de um CALDERON, medidas as convenientes distâncias, esvasiasse o conteúdo humano e lírico da sua criação, caso fôsse representada nos séculos porvir.

Seria este, pois, o meu contributo àquele seminário, que abrilhantou o meio universitário do Recife, fazendo fu'gir a inteligência dos vicentinos nativos. Afirmar, porém, ser 1965 o ano do quinentésimo aniversário de nascimento do pai espiritual da MOFINA, seria um absurdo, incorrendo no mesmo erro que levou TEÓFILO BRAGA o abade de CASTRO e RIVARA ao banco dos réus da crítica erudita portuguesa.

BIBLIOGRAFIA:

- CLAVEL, Vicente — HISTÓRIA DE ESPAÑA, 1930, Editorial Cervantes, Barcelona.
- CASTELO BRANCO, Camillo — A CORJA, 2a. Parte HISTÓRIA, 1943, Livraria Lelo e Irmão. Porto.
- FILHO, Hermilo Borba — HISTÓRIA DO ESPETÁCULO, 1a. Ed. 1968, Edições O CRUZEI-RO. Rio.
- RATTAZZI, Maria — PORTUGAL DE RELANCE, 1a. Ed. 1882. Livraria Editora Henrique Zeferino, Lisboa.